

O tropicalismo em sala de aula: A história da música popular brasileira em descoberta de um novo fazer musical

Comunicação

GTE 11 – Ensino de Música nas escolas de Educação Básica

Kelri Lino Menezes

IFCE

kelri.lino09@aluno.ifce.edu.br

Thaise Cristina Marcelino Matias

IFCE

thaise.matias@ifce.edu.br

Resumo: Este artigo apresenta um relato da experiência de estágio de uma aluna do Curso de Licenciatura em Música do XXX, vivenciado em uma escola de educação básica, de ensino fundamental II na cidade de XXX. O objetivo deste trabalho é apresentar e descrever as etapas do estágio supervisionado, mostrando a sua importância para a formação de futuros professores de música. Além disso, busca-se fazer reflexões sobre como a música está inserida dentro da disciplina de artes nas escolas de educação básica e qual a sua relevância para as aulas no ensino supracitado. Em seu desenvolvimento, serão apresentadas as características da escola em que o estágio foi realizado, a rotina das turmas nas aulas de arte, as metodologias utilizadas pela professora supervisora e a reação dos alunos durante as aulas de música, assim como as análises de observação das aulas e as propostas pedagógicas utilizadas nas regências. Diante disso, as intervenções aplicadas contribuirão para a reflexão de um trabalho ativo na ministração das aulas de música, trazendo falas de pesquisadores pedagógicos de referência em todo o contexto da educação musical.

Palavras-chave: Estágio supervisionado. Ensino fundamental. Música Popular Brasileira.

Introdução

Este artigo relata as experiências vividas ao longo do estágio supervisionado III do curso de XXX. O estágio sucedeu na instituição particular de ensino básico XXX.

Dentre os principais aspectos de toda a elaboração e escrita deste trabalho, estão a busca de dados, pesquisas, leituras e investigações, a respeito das metodologias e das práticas docentes as quais foram de relevância para a identificação das análises registradas no presente texto. Foi abordado, inicialmente, as diversas fases do estágio supervisionado e a orientação em sala de aula, no próprio *campus*, o que, por sua vez, foi essencial para um bom

30 de outubro a 01 de novembro de 2024
Sobral - Ceará | Universidade Federal do Ceará



www.abem.mus.br

conhecimento de todos os elementos que seriam vivenciados. Nessa etapa, foram utilizadas as informações do Projeto Político de Curso (PPC) do curso de licenciatura em Música da instituição.

Diante disso, este relato apresenta as atividades desenvolvidas durante as etapas de observação – desde o contato inicial com a instituição até o conhecimento de toda a estrutura e rotina de ensino – e regência em sala de aula – as propostas pedagógicas aplicadas nas regências e a relação entre professor e aluno. Além disso, o texto propõe reflexões sobre a importância da aplicação da música em sala de aula no contexto do Ensino Fundamental II, mostrando os desafios da educação musical no desenvolvimento das aulas e a consolidação de boas práticas pedagógicas.

O desenvolvimento deste artigo teve como embasamento teórico diversos pesquisadores e documentos da educação, sendo eles: Penna (2008), Figueiredo (2021), Skalski (2010), Pires (2021), Fonterrada (2005), Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB.

Fundamentação teórica

O estágio supervisionado contribui em um momento de importância para a formação docente. Segundo Pires (2021, p. 266), “a formação profissional do professor se constrói mediante o contato com experiências diversificadas que compõem e fundamentam a prática pedagógica.” A partir da interação com o ambiente escolar, as reflexões e análises em todo o contexto educacional é possível assimilar a teoria com a prática, permitindo a reflexão de cada realidade e conhecendo as melhores metodologias a serem desenvolvidas de acordo com cada contexto presenciado.

Por essa via, é possível enxergar grandes desafios para a formação de professores ao longo do tempo para que o ensino musical seja aplicado nas escolas. A Lei nº 11.769, de 2008, dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. Ela altera o Art. 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9.394, de 1996 (BRASIL, 2008), assinalando que a música deveria ser conteúdo obrigatório, porém não se tornaria exclusivo nem necessitava de um profissional específico da área para ministrá-lo. Foi a partir da aprovação da Lei nº 13.278, em 2016, que a música passou a fazer parte do currículo escolar,

pois se “define Diretrizes Nacionais para operacionalização do ensino de Música na Educação Básica” (BRASIL, 2016a), estando presente no componente curricular da Arte, juntamente com a dança, o teatro e as artes cênicas.

A aprovação desta lei se deu devido a um movimento nacional que chamou a atenção de músicos, educadores musicais, educadores de diversas áreas artísticas e profissionais da educação que se mobilizaram para lutar pela prática de atividades musicais no âmbito escolar (Figueiredo, 2021, p. 149). A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) destaca a importância de integrar os alunos com as diferentes manifestações artísticas, tendo em vista o aprendizado das diversas áreas do conhecimento.

A música se materializa por meio dos sons e ganha sentido a partir da sensibilidade humana e interações sociais (BNCC, 2018, p. 196). Sua integração na sala de aula possibilita aos alunos a interação crítica e ativa na sociedade. A prática do estágio possibilita aos formandos a compreensão da realidade de um ambiente escolar, permitindo o conhecimento e coleta de dados das diferentes questões que norteiam o ensino musical, desde a estrutura até a cultura da região na qual a escola está inserida.

De acordo com Penna (2008),

[...] a conquista de espaços para a música na escola depende, em grande parte, do modo como atuamos concretamente no cotidiano escolar e diante das diversas instâncias educacionais. Este é, a nosso ver, o grande desafio a enfrentar: ocupar com práticas significativas os espaços possíveis – e progressivamente ampliá-los. (Penna, 2008, p. 63).

Fonterrada (2005, p. 12-13) destaca que a falta de reconhecimento da importância de um ensino musical nas escolas tornou-se real na sociedade, pois a valorização deste ensino determina se a música entra ou não no currículo escolar. A partir disso, entendemos que ela só será desenvolvida mediante a sua relevância para cada ambiente social, o que não anula o seu papel como um recurso pedagógico eficaz para a educação, por ser também responsável pela ética e pela estética aplicada na construção das relações intra e interpessoais, principalmente por ajudar a desenvolver um caráter moral no indivíduo.

Dessa forma, a música e a musicalização contribuem com elementos que auxiliam para o aprimoramento da inteligência e aprendizado, favorecendo o desenvolvimento cognitivo, linguístico, psicomotor e socioafetivo (Skalski, 2010, p. 8). As atividades musicais

podem proporcionar um progresso significativo no que diz respeito ao envolvimento e à participação. Assim, além de aprimorar o conhecimento do mundo em geral, desenvolve a percepção dos diversos contextos musicais. Logo, esse ensino é necessário em cada ambiente educacional, o que justifica a luta dos educadores para o reconhecimento desse recurso pedagógico.

A sala de aula e o ensino de arte

As observações em sala de aula me permitiram reconhecer a relevância de investigar os diferentes contextos de ensino. As divergências entre as turmas dos oitavos anos A e B revelaram a necessidade de uma boa preparação do professor de música para atuação nos diferentes contextos educacionais. Apesar de estarem em realidades parecidas, as individualidades dos alunos mostravam as diferentes culturas e manifestações, fazendo com que a professora supervisora se comportasse de maneira diferente em cada sala.

O planejamento das aulas foi fundamentado no livro didático oferecido pela escola, mas foi possível notar que a professora desenvolveu a própria metodologia, aplicando suas características e reflexões em atividades complementares às que o livro sugeria. A observação ocorreu em dez encontros, divididos em cinco aulas por turma, nas quais o mesmo conteúdo era aplicado, utilizando diferentes metodologias para atender às realidades.

Apesar de estarem presentes em alguns capítulos do livro, nenhuma atividade relacionada aos conteúdos musicais foi presenciada. Após uma breve análise dos tópicos tratados no livro didático, notei que os principais temas se deram em torno das artes visuais, ao invés de se referir igualmente as outras linguagens artísticas, como o teatro e a dança, que, de forma semelhante, podem ser negligenciados nas aulas de arte, assim como ocorre com a música.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (2018, p.198), “é importante que o componente curricular de Arte leve em conta o diálogo entre essas linguagens, o diálogo com a literatura, além de possibilitar o contato e a reflexão acerca das formas estéticas híbridas.” O documento destaca a Música, as Artes Visuais, a Dança e Teatro como uma unidade temática que é integrada às diferentes linguagens e práticas, unindo elementos que contribuem para a autonomia, criatividade e expressão dos discentes. Isso ocorre através das

articulações e do desenvolvimento do pensamento e da sensibilidade a cada conceito, o que nem sempre ocorre devido à maior exposição dos alunos a apenas uma das linguagens artísticas.

No primeiro encontro com as turmas, os alunos demonstraram interesse em relação ao que seria desenvolvido ao longo do período de estágio. Inicialmente, houve um momento de apresentação e socialização para que os alunos pudessem se familiarizar um pouco com o curso de licenciatura em Música e entender os objetivos desta prática. Houve a desconstrução, principalmente, do conceito de se trabalhar música, e a constatação de que a receptividade dos alunos foi bastante satisfatória. Além disso, foi possível perceber que, enquanto, no oitavo ano A, os alunos tinham um temperamento mais agitado, no oitavo B, eles estavam mais tranquilos. Essa diferença, no entanto, não prejudicou a boa comunicação entre a professora supervisora e os alunos.

Aprendizado pela pesquisa

Aprendendo mais sobre as artes visuais, os alunos estavam estudando um capítulo que trata de assuntos sobre a pintura e os maiores artistas reconhecidos por suas obras, propondo textos e resoluções de questões. A primeira aula foi produtiva devido à abordagem do livro, pois a professora usou uma metodologia mais dinâmica e participativa, de forma que os alunos pudessem interagir uns com os outros e a aula se tornasse mais divertida.

A leitura dos textos era feita em conjunto. A professora incentivava que cada um lesse um trecho do texto individualmente ou em dupla, e assim ia até a finalização e resolução das questões coletivamente. Dessa forma, ela percebia quem realmente estava com foco na aula, compreendendo o que estava sendo transmitido pelo texto e analisando as imagens de forma correta. Ela selecionava as obras e solicitava que falassem sobre suas perspectivas a respeito dela, sendo possível distinguir as percepções corretas dos conceitos estudados, chamando atenção para uma análise visual das imagens a partir das falas dos alunos.

A principal metodologia utilizada pela professora é a pesquisa. Em todas as suas aulas, ela trabalha com um momento de coleta de dados e informações, podendo ser realizado em sala ou como trabalho para casa. Assim, seu objetivo com esse método é incentivar a busca de conhecimento e percepções próprias, fazendo com que o ato de buscar

informações em diferentes fontes de ensino se torne um hábito na rotina escolar, preparando os alunos para as séries seguintes.

Apesar de o assunto ser o mesmo, o resultado em diferentes turmas é divergente. O oitavo A, como a turma é mais agitada e barulhenta, conseguiu ser ainda mais participativa. Ao instigar a leitura de texto, os próprios alunos se prontificavam e escolhiam os trechos de suas preferências. Além disso, as percepções sobre as imagens continham informações e detalhes, de maneira que colocavam um toque de humor em suas falas, gerando risadas e momentos de descontração.

Em comparação com a turma B, a necessidade de incentivar a participação era constante. Os alunos são mais introspectivos e vergonhosos, a professora escolhia quem lia ou conversava, o que deixava a aula menos dinâmica e divertida. No entanto, o resultado era satisfatório e ainda era possível perceber o progresso de cada um.

Aproveitando o tema, ela utiliza a pesquisa como método de avaliação. Os estudantes deveriam, individualmente, selecionar um artista das diferentes linguagens artísticas para uma apresentação oral. A pesquisa deveria contar a história e falar sobre as principais obras do artista escolhido. Apesar da presença das quatro linguagens artísticas, as principais escolhas foram entre pintores ou escultores. Das apresentações, apenas uma aluna escolhe um artista da área da música, sendo Gilberto Gil o escolhido.

As observações me proporcionaram um olhar diferenciado sobre a utilização do livro didático em sala de aula. O professor deve proporcionar aos alunos experiências que eles possam levar para a vida toda. A socialização e a pesquisa são ótimas ferramentas para avaliar o desempenho dos alunos, uma vez que permitem conhecer as ideias individuais e, sobretudo, as dificuldades que devem ser trabalhadas nas aulas para um melhor aprendizado.

MPB e o Tropicalismo

Após as observações nas turmas e algumas conversas com a professora de Artes, o tema escolhido para ser trabalhado em sala de aula foi a breve história da Música Popular Brasileira. Como parte do conteúdo programático do livro didático dos alunos, compreender como ocorreu o desenvolvimento musical no Brasil é de suma importância, uma vez que, dada

sua abrangência, foi possível filtrar os temas a serem trabalhados, focando na compreensão do período do Tropicalismo.

A música pode ser percebida de forma individual a partir das diferentes interpretações. Compartilhar essas percepções possibilita um novo olhar para os conceitos, permitindo perceber cada detalhe nas canções e na história, compreendendo o significado da música para cada um. Dessa forma, foi elaborado um mapa mental com o conceito individual, através de uma palavra escrita na lousa por cada aluno. Assuntos como cultura, sentimentos, vivências e manifestações artísticas foram tema de discussões que permitiram a compreensão da história e da representação musical para a sociedade.

Ao longo da conversa, foram discutidas as diversas culturas e formas de fazer música, bem como as diferenças entre as músicas populares e eruditas, citando exemplos de canções, compositores e intérpretes de diferentes estilos musicais. Ambas as turmas participaram de forma significativa e agradável, o que foi um momento especial para conhecer melhor o propósito da prática musical na educação. O primeiro momento prático foi uma dinâmica de apresentação, na qual os alunos deveriam cantar os seus nomes. Apesar de estarem envergonhados, todos participaram e conseguiram se divertir bastante gerando muita descontração.

Para melhor compreender sobre algumas fases da história da Música Popular Brasileira, alguns artistas e álbuns foram apresentados. Ao abordar a história e o contexto social da era do rádio, desde o ritmo Bossa Nova até a fase do Tropicalismo, foram citados alguns dos maiores nomes da MPB, como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa e Chico Buarque. As músicas e os principais sucessos foram reproduzidos para expandir o repertório musical dos alunos. Com base nisso, ficou evidente que, devido ao tema ser mais teórico, as duas turmas tiveram pouca interação. Os alunos reagiam de forma pontual às canções mais conhecidas, citando suas experiências ao ouvir as canções e fazendo um comentário sobre a letra ou a voz dos cantores.

No que diz respeito ao Tropicalismo, foram analisados, principalmente, o contexto histórico e a presença da música diante da realidade da época. Ao conhecer, de forma mais aprofundada, a ditadura militar e a relevância da música para o período, foi possível notar que a maioria dos alunos demonstraram interesse pelo tema e curiosidade para conhecer os

discursos dos cantores da época, em especial Gilberto Gil e Caetano Veloso. Diversas canções do disco *Panis Et Circencis* foram apreciadas, assim como outras dos diversos artistas do movimento.

Partindo para uma aula mais prática, a sala foi dividida em dois grupos, nos quais cada um deveria escolher uma música das que foram apreciadas e analisar o texto com base no contexto histórico. A música "A Banda" foi uma escolha comum entre os grupos das duas turmas, uma vez que é bastante conhecida pelos alunos e está presente na trilha sonora da novela infantil Carrossel. As outras escolhas entre os grupos foram a canção "Domingo no parque", que despertou bastante interesse sobre o assassinato que a canção descreve, e "Roda-viva", que trouxe comentários bastante reflexivos, especialmente no texto do refrão.

Os dois grupos que escolheram "A Banda" apresentaram perspectivas semelhantes em seus conceitos interpretativos. Eles apontaram a fuga da realidade da população que vivia sob a ditadura, além de enfatizarem o sentimento de esperança das pessoas e os momentos felizes que elas ainda poderiam viver mesmo estando diante de tanto caos. A análise desta canção foi bastante proveitosa, era notório que os alunos tinham antes uma percepção infantilizada do ritmo e da letra, sem compreender o verdadeiro sentido e o contexto por trás da melodia. Esta análise permitiu a realização de uma atividade prática e musical de excelência para os alunos.

Após compreendermos este período histórico, as rodas de conversa abriram novas possibilidades de um fazer musical criativo e teatral. A partir do que foi estudado, os alunos foram capazes de interpretar as situações para serem estimulados a criar os próprios cenários. Dessa forma, o texto da canção "A Banda" deveria ser usado como fonte de inspiração para a criação de paisagens sonoras e interpretações teatrais da letra. Assim, seria possível combinar criatividade e prática para elaborar uma apresentação para as próximas aulas.

O corpo musical em cena

A atividade tinha como objetivo deixar a vergonha de lado e os alunos criarem uma cena que a primeira estrofe da canção "A Banda" descreve. As turmas escolheram se dividir em duas equipes. Enquanto uma equipe utilizava a percussão corporal para sonorizar a música

e indicar a banda que a canção descreve, a outra equipe iria cantar a canção e representar a cena descrita na letra.

Inicialmente, o grupo de estudantes que representaria a banda foi dividido em três grupos menores. Por meio da percussão corporal, os sons eram gerados para reproduzir a pulsação e criar o ritmo alegre e divertido da canção. Enquanto alguns utilizavam apenas os pés e os saltos, outros imitavam sons com batidas no peito e nas coxas, além do terceiro grupo que utilizava apenas as palmas. Essa divisão ocorreu em ambas as turmas e o que chamou a atenção foi como os alunos articulavam os movimentos que facilitavam a execução, observando quem tinha mais dificuldades para realizarem as trocas e tornar a apresentação o mais confortável possível.

Enquanto um grupo estava fora da sala, sincronizando os movimentos e treinando para a apresentação, a equipe de encenação e canto tomava decisões sobre a melhor maneira de apresentar a música. A turma B teve uma formação restrita às meninas para representar a banda, a turma decidiu incluir os meninos só no teatro. Com base nisso, ficou evidente que o entusiasmo dos grupos era distinto. Além de criar as cenas, as meninas criaram uma coreografia com o movimento do corpo e os gestos nas mãos, de forma que uma iniciasse a canção sozinha e as outras iam entrando em cada frase. Ao contrário deles, a turma A, que escolheu incluir os meninos em todo o processo, optou por uma apresentação mais simples, utilizando apenas a interpretação das cenas e uma das meninas cantando a música no fundo.

Observando que aquela era uma ótima atividade avaliativa, a professora supervisora decidiu utilizar a apresentação como uma ferramenta de avaliação para a turma, o que foi um grande incentivo para os alunos. Quando todos os grupos já estavam prontos, juntaram-se as equipes na sala e houve um ensaio geral para a apresentação. Neste momento, os últimos detalhes, como as vozes, o ritmo e o posicionamento na sala, foram ajustados. O coordenador da escola compareceu para prestigiar a apresentação de cada turma, o que causou grande ansiedade nos alunos, mas, ainda assim, eles cumpriram o que foi planejado. A experiência foi bastante satisfatória. Foi possível notar o empenho dos alunos, apesar das dificuldades e diferenças entre as turmas. Eles demonstraram bastante entusiasmo e diversão e foram bem avaliados pela professora responsável. Concluímos as regências compartilhando os feedbacks sobre as aulas de forma que cada um deveria falar uma palavra que definisse sua vivência

durantes as aulas e as principais palavras citadas foram diversão, aprendizado, alegria e conhecimento, demonstrando que as vivências foram divertidas e, de fato, agregaram muito no aprendizado dos alunos.

Considerações finais

As atividades musicais em sala de aula proporcionam um progresso significativo no que diz respeito ao envolvimento e participação dos alunos, estabelecendo uma conexão mais aprofundada com os elementos musicais, além de aprimorar habilidades fundamentais, como a expressão mais ampla de seus conhecimentos sobre o mundo sonoro.

Os resultados obtidos através da metodologia aplicada no estágio supervisionado III – ensino fundamental demonstram, de forma satisfatória, que é possível aplicar a música em sala de aula de maneira prática e objetiva, focando tanto no conhecimento musical como nas outras linguagens artísticas. Isso porque o planejamento e a execução de cada tarefa foram elaborados segundo a realidade do contexto em questão, respeitando o processo de desenvolvimento e expressão musical de cada um. Também houve o aprimoramento do fluxo de criação, das descobertas, dos questionamentos históricos e das experiências individuais dos alunos.

A gestão escolar demonstrou um excelente acolhimento durante todo o processo. O apoio da instituição contribui diretamente para a integração das atividades práticas nas aulas da disciplina de Arte, enriquecendo ainda mais o ambiente educacional. Além disso, a interação com os alunos deve ser marcada por momentos de criatividade e construção de vínculos significativos, sendo uma jornada enriquecedora, reforçando a importância da música como uma oportunidade educativa e enfatizando o papel crucial do professor na facilitação do ensino.

No entanto,

a educação musical não é uma questão para ser tratada apenas pelos educadores musicais porque essa é uma área que pertence a um universo maior e que precisa ser também compreendida por todos os interlocutores participantes do processo educacional como um todo (Figueiredo, 2005, p. 26).

Dessa forma, fica evidente que a experiência de estágio tem um impacto profundo na nossa formação como educadores musicais e, principalmente, na construção da identidade profissional, de forma que essa experiência garante um aprendizado inicial para toda a vida acadêmica e possibilita vivenciar diferentes contextos sociais, criando vínculos com diversas outras áreas e conhecendo novas metodologias que serão úteis para a futura atuação.

Referências

BRASIL. Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11769.htm>. Acesso em: 04 mar. 2024.

BRASIL. Lei n.º 13.278, de 02 de maio de 2016. Altera o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte. **Câmara dos Deputados**. Brasília, 2016a. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2016/lei-13278-2-maio-2016-782978-publicacaooriginal-150222-pl.html>>. Acesso em: 05 abr. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 10 jul. 2024.

FIGUEIREDO, Sérgio. Legislação Educacional e educação musical: possibilidades e desafios para a presença do ensino de música nas escolas de educação básica. *In: 10 anos de Seminário de Pesquisa em Artes* [recurso eletrônico]. Eduardo Junio Santos Moura, Maria Amélia Castilho Feitosa Callado e Nelcira Aparecida Durães (organizadores). Montes Claros: Editora Unimontes, 2021. Disponível em: <<https://www.editora.unimontes.br/wp-content/uploads/2023/06/10-ANOS-DE-SEMINARIO-DE-PESQUISA-EM-ARTES-UNIMONTES-EBOOK-2021.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2024.

FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira de. Educação musical nos anos iniciais da escola: identidade e políticas educacionais. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 12, 21-29, mar. 2005. Disponível em: <http://abemeducaomusical.com.br/revista_abem/ed12/revista12_artigo3.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2024.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **De tramas e fios: um ensaio sobre a música e educação**. São Paulo: Ed. da Unesp, 2005.

PENNA, M. Caminhos para a conquista de espaços para a música na escola: uma discussão em aberto. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 19, 57-64, mar. 2008. Disponível em: <<https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/259>>. Acesso em: 10 jul. 2024.

PIRES, Nair. O estágio supervisionado e a construção da profissionalidade docente. *In: 10 anos de Seminário de Pesquisa em Artes* [recurso eletrônico]. Eduardo Junio Santos Moura, Maria Amélia Castilho Feitosa Callado e Nelcira Aparecida Durães (organizadores). Montes Claros: Editora Unimontes, 2021. Disponível em: <<https://www.editora.unimontes.br/wp-content/uploads/2023/06/10-ANOS-DE-SEMINARIO-DE-PESQUISA-EM-ARTES-UNIMONTES-EBOOK-2021.pdf>>.

[content/uploads/2023/06/10-ANOS-DE-SEMINRIO-DE-PESQUISA-EM-ARTES-UNIMONTES-EBOOK-2021.pdf](#)>. Acesso em: 10 jul. 2024.

SKALSKI, Tatiana Reichak. **A importância da música nos anos iniciais**. 2010.